

O INDIGENISTA
Antonio Marques, Brasil

Poema dedicado à memória de Bruno Pereira e Dom Phillips

Floresta Amazônica: mistério oculto
Primitiva cultura, solidão e loucura
Segredos mergulhados nas profundezas da mata,
na largueza dos rios e dos igarapés.
Silêncio do mundo,
o mais profundo.

Homem denodado o indigenista
Perigos, pestes, violência e morte arrosta.
Para quê? Sina d'alma? Dura lida, tensão infinda
para o resto da vida.
Mas o seu nobre ofício, a mata e os índios proteger,
alguém tem de fazer, alguém tem de morrer.
Não precisava ser assim.
No Brasil é assim.

Moderno guerreiro e audaz aventureiro
nas regiões esquecidas, nas selvagens fronteiras, deve penetrar
e armadilhas traiçoeiras deve enfrentar.
Convidam, a todo tempo, a uma nova aventura, ao embriagamento dos sentidos.
Não podem ser fracos. Nem do corpo, nem do juízo,
pois lá, no coração da mata, o ruído da mata, o ruído do nada,
mata, aniquila.

Singular profissão, estranha escolha de vida,
porque ao zumbir dos mosquitos a tragédia sempre espreita.
A mata é espelho, cruel espelho. Reflete o que não se que ver.
Faz o homem crescido chorar, sujar-se de medo, querer tirar a própria vida,
a garganta cortar, fogo no próprio corpo atear e o coração com um amolado facão trespassar.

O homem forte e destemido que a mata não mata,

Depara-se com a dura realidade dos índios, a violência do garimpo, a destruição da floresta, dos bichos, o envenenamento dos rios, as doenças e a fome. Muita fome.

Universo hostil, na periferia do mundo.

No centro do mundo: Amazônia.